

26/08/2003

É um prazer estar aqui com vocês, agradecer a essa oportunidade de retornar à Minas Gerais, é sempre bom voltar ao convívio e dizer que sem dúvida nenhuma há sinais de novos tempos. Estou falando como psicólogo da mesa, e é uma grande responsabilidade de quem sabe fazer a impossível representação da multiplicidade, da diversidade dos sujeitos que constituem nesse momento os que estão aqui e os que comparecem a essa celebração ritual. Eu gosto de lembrar sempre, que esse estar junto para cada um de nós é trazido a um espaço como esse por algo que parece muito pessoal, muito individual, mas construir sociedade é partir disso que parece muito individual, muito pessoal e entretanto é absolutamente a condição do compartilhamento da sociedade.

Estamos aqui porque somos sócios, sócios da sociedade. E como sócios da sociedade, todos nós reservamos em algum lugar de nós um pequeno espaço identificatório que nos faz identificar com a condição de ser um profissional de psicologia, e é por isso que nós viemos até aqui hoje e que muitos outros colegas não vieram até aqui por outros motivos, mas certamente para estar aqui como psicólogo no dia de hoje é preciso que esse sinal, essa pequena parte identificatória em nós tenha pulsado dessa maneira e afirmado “eu vou lá porque é um chamamento que me chama para um grupo, dentre as várias coisas que eu faço, vários papéis que desempenho na sociedade, me alerta de que esse também é um papel e esse papel tem uma grande importância na minha vida”.

Então entendo que estamos aqui numa condição muito especial, porque estamos aqui numa celebração ritual de uma dimensão profissional, uma dimensão que nas nossas vidas na sociedade moderna tem algum papel, algum sentido, alguma significação, nem sempre a mais importante, mas às vezes num dia como hoje, nos damos o luxo de escolhermos, de voluntariamente comparecermos a espaço de conagração, de celebração ritual onde o que está sendo celebrado é a condição de uma vocação, de uma escolha que nos diz de algo que queremos na vida.

E é muito interessante que essa celebração se faça hoje, em torno desse tipo de temática. Na minha carreira que não é tão comprida assim, acho que 23 anos de formado, frequentemente nos últimos anos nós temos notado que os motivos da celebração, da comemoração, da colaboração, eles vem paulatinamente sendo focalizados em um tipo de tema que nos faz ao mesmo tempo nos reunirmos como grupo profissional, com uma certa diversidade das linhas e correntes teóricas da psicologia, mas ao mesmo tempo com certa identidade, com uma certa afirmação.

Nós não estamos aqui reunidos para reclamar da vida, para nos queixarmos das dificuldades. Estamos aqui reunidos diferentemente para celebrarmos em torno de um projeto que é um projeto que ao mesmo tempo fala de interesses que são particulares, que são desse grupo profissional e dessa categoria, e ao mesmo tempo tem a generosidade de dizer “sim, é desse grupo mas não é para ele, mas para a sociedade na qual estamos vivendo”.

Nós temos uma história como corporação, que é uma história muito recente, e as vezes nós psicólogos, esquecemos disso. Todos os grupos humanos tem que construir sua história, e a história é a história de sua institucionalização enquanto grupo na sociedade. Mas essa história é recente. É natural que os nossos patrimônios coletivos, as nossas tradições coletivas como um grupo profissional sejam correspondentes à essa trajetória que desenvolvemos. E é preciso ter clareza que esse patrimônio somente aumentará na medida estrita que nós o fazamos e que nós, o constituamos.

Nesse sentido, é muito importante que estejamos todos nós aqui, pois se trata de um aniversário, da demarcação virtual de uma data significativa na história do desenvolvimento de uma certa profissão que nós escolhemos como tal e isso faz diferença. Então acho que estamos comemorando e novos ventos estão aí para essa profissão. Porque nas eleições passadas, a sociedade brasileira perdeu o medo e disse “Eu vou apostar na mudança”. E nós de certa forma, como um grupo profissional estamos tendo a oportunidade de dizer assim: “se a sociedade brasileira quer mesmo mudar, se a sociedade brasileira topa realmente rever profundamente a sua estrutura para se reconstruir numa nova perspectiva, nós como grupo profissional, vamos participar disso”. E vamos participar disso não como sujeitos passivos, mas de uma forma extremamente ativa, de uma forma plena, de uma forma intensificada. Eu acho que o Banco Social de Serviços vem à propósito disso, dessa disposição de participação.

Queria então tomar alguns pontos que possam nos ajudar nesse trabalho. Talvez o primeiro deles seja pensar em uma questão que os psicólogos brasileiros de alguma maneira começam a se colocar que é a pergunta: “será que existe algo na subjetividade brasileira que seja própria da condição de sermos essa sociedade e não outra qualquer? será que as formas de organização subjetiva de todos os povos independem das histórias que esses povos tem, independem das formações culturais, econômicas que estruturam a vida dessa sociedade?

Muitas vezes nós psicólogos temos respondido de uma forma estranha que “não depende muito” e “nós podemos ter uma universalidade psíquica e uma universalidade na subjetividade, que não faria distinção entre as características particulares que fazem que

cada povo, cada sociedade se estabeleça de uma forma”. Fazer essa pergunta é importante para fazer uma outra pergunta na linha do debate: “será que qual seria essa subjetividade, quais seriam essas marcas da subjetividade brasileira? será que esse fosso social que nós denunciemos sempre, será que esse abismo, essa diferenciação econômica é algo que está construído apenas nos aspectos econômicos e estruturais dessa sociedade?” ou “será que essa desigualdade social profunda faz parte da nossa alma, do nosso jeito de sentir, pensar e olhar pro mundo enquanto sociedade?” E aí eu perguntaria: qual é o papel das diversas instituições, inclusive do estado, na manutenção das formas sociais que sustentam esses modos de subjetivação?”. E perguntaria aos colegas: “qual é o papel da psicologia ao longo dos anos na construção, na validação, no referendo de que essa sociedade seja do jeito que ela é, e não outra qualquer?”.

Ou seja, estou perguntando à psicologia pelos seus comprometimentos, suas cumplicidades pela manutenção de certos status quo. Até que ponto as nossas psicologias, as nossas técnicas, os nossos conhecimentos têm estado a serviço da manutenção de certas formas de subjetivação? Até que ponto nós temos sido os avalistas de certas formas de subjetivação? Porque onde existe um racista que acha que uma pessoa da pele negra é inferior, esse sim tem um problema psicológico muito grave, ele expressa uma deformação que está vinculado ao processo de construção dessa cultura. Da mesma forma onde existe alguém que tenha a pele negra e se sinta muito humilhado e ofendido por essa condição, existe algo muito sério de subjetivação se produzindo aí. Numa sociedade em que acha que as pessoas que são inteligentes, que vão à universidade são melhores que outras, é preciso que a gente se pergunte até que ponto, nós enquanto grupo social, enquanto grupo profissional, contribuimos para essa legitimação.

Buscando concluir, eu iria perguntar pelo “mercado do sujeito”. Tem “o sujeito do mercado e o mercado do sujeito”. Na verdade hoje, na sociedade, não se transforma grupos subalternos e emancipados sem evocar a questão do sujeito. Não se produz trabalhadores com qualidade total sem invocar a subjetividade do sujeito, não se produz bons e conscientes cidadãos para exercer o voto crítico sem invocar a qualidade dos sujeitos. Ora colegas, estou querendo dizer que a mercadoria mais valiosa de toda essa confusão, é o tal do sujeito. Sem o sujeito, sem invocar o sujeito à adesão, à participação, à boa vontade do sujeito, todos os projetos da política estão inviabilizados enquanto tal. Todos os sonhos e ideias estão impossibilitados, pois sem a participação, a conversão dos sujeitos (que é disso que se trata) todos os nossos sonhos de sociedade, estão adiados, indefinidamente. Sem o sujeito não dá pra fazer nada.

Impressionante o quanto isso é óbvio para nós que somos psicólogos numa certa perspectiva, entretanto isso permanece obscuro e misterioso para a maior parte das instâncias, organizações, em níveis hierárquicos e administrativos: sem sujeito não se faz nada. É preciso adquirir o acesso ao sujeito e é impressionante que essa seja a mercadoria que esse grupo profissional trabalha. (Eu ia falar “tráfica”, porque às vezes faz de uma forma de tráfico, existe tráfico de drogas, de animais e dos sujeitos. Tráfico as vezes que acontecem em lugares muito sofisticados, insuspeitos, mas ali se produz o tráfico dos sujeitos, a decoração de interiores. Ou vocês não sabem, que nós psicólogos somos expert em decoração de interiores? Produzimos interiores assépticos muitas vezes. Alguns limpos, asseados, corretos, organizados e adequados.

Então, nós temos conosco, um grande patrimônio da produção da construção com essas pessoas, de como se pode produzir participações dos sujeitos, e que de uma forma específica essa questão de que tipo de sujeito nós psicólogos estamos patrocinando. Estamos patrocinando um sujeito normalizado, disciplinado, enquadrado? E nós vamos patrocinar uma discussão com a sociedade de que esses desejos e essas expectativas que ela tem em relação à psicologia são inadequadas, e que na verdade o que podemos fazer para a sociedade, não é colocar indivíduos em caixas organizadas, mas o que podemos fazer é ajudar a sociedade a dialogar com a existência inevitável e compulsória da diversidade humana.

E talvez aí, nós estejamos encontrando algo que seja da natureza própria do trabalho dos psicólogos, numa perspectiva que incorpora-se (tem toda chance mercadológica), certamente teremos oportunidade de encontrar trabalho. E finalmente vou abordar a questão, que me parece que é a questão crucial. Publiquei um artigo discutindo que psicólogo hoje no Brasil, com corporação profissional tem que enfrentar a questão trabalho, porque o que faz uma profissão ser profissão, é o trabalho. Se tem uma profissão que todo mundo que é da profissão não trabalha, não é mais profissão, virou uma área de conhecimento, uma especialidade, mas não é mais trabalho, tem que trabalhar. A profissão de psicólogo para ter futuro no Brasil, é preciso que os psicólogos trabalhem com psicologia. Só quando a maior parte dos psicólogos trabalharem com psicologia, nós poderemos dizer que nós temos uma profissão de psicólogos. Quando ainda for a menor parte, vai ficar suspeito. As pessoas vão dizer: “que profissão é essa que as pessoas não arranjar o que fazer, não tem como trabalhar, não tem onde aplicar o que sabe, tem como funcionar?” Nós teremos dificuldade. Então é preciso ter trabalho.

E me parece que nós psicólogos, temos a nosso favor, uma certa ojeriza do corporativismo. Verdade que aqui e ali, um grito corporativista se faz ouvir: “Esse conselho

deveria botar uma lei no Congresso que obrigassem os condomínios a ter psicólogos”. Porque o condomínio é uma grande situação, estão lá idosos, crianças, famílias, desenvolvimento infantil e além de tudo tem a taxa do condomínio, e paga logo garante que o profissional receba o seu ganho por isso. Isso seria uma perspectiva corporativista. Seria uma forma de dizer para sociedade: “Sociedade, você precisa me financiar porque eu preciso existir, eu tenho que trabalhar”.

Mas parece que existem outras formas, onde lutar pelos direitos da população, lutar para que a população tenha aquilo que faz parte do seu direito se inclui na mesma trajetória de garantir que nós tenhamos a oportunidade de oferecer os serviços que nós acreditamos que são úteis e importantes para essa população. Não existe contradição. Nós lutarmos pelas políticas públicas, não estamos nos metendo com a política, estamos salvando o futuro da profissão, estamos tentando garantir que o nosso olhar não vai mais estar localizado naqueles espaços de tráfico do sujeito. Naquele pacto com as elites, onde “quem puder me pagar, eu trabalho, clientes sofisticados, consultórios em áreas nobres da cidade”, esse tempo acabou gente.

A classe média é um fenômeno reconhecido mundialmente, o achatamento da classe média brasileira. Quer dizer assim, dificilmente isso vai ter solução, sobretudo a curto prazo. Não tem classe média para comprar serviço literal, então esse sonho acabou. A possibilidade dessa profissão se inserir é que ela esteja na promoção do bem estar social através das políticas públicas.

E eu queria me dar o direito de tratar da questão da democracia, e que o tempo do governo Lula é muito pequeno ainda, esse governo que se instaurou aí, mas eu queria começar a anunciar, que pelo menos do meu ponto de vista não estou muito satisfeito com os investimentos que esse governo tem feito em algo que é algo que não custa dinheiro nenhum à sociedade que é a amplificação dos canais de democratização da sociedade.

Eu acho que as ideias do governo PT, no município de Porto Alegre e em outros, do orçamento participativo me dava um alento de que teríamos um governo que investiria em formas de consulta popular, investiria na perspectiva mais publicitária do governo, traria de fato. Mas parece que nós temos um grupo que tem aquele velho receio, que se “dar muita liberdade”, organizar muito os movimentos sociais as coisas vão sair do controle. Então parece que nas melhores famílias, reside aquela velha preocupação que vai acabar em baderna. E a resposta desse tipo de receio é a centralização, e isso talvez seja um mal que possa ser revertido e que não custa dinheiro, que é o mais importante. Aprendi que quando não temos dinheiro para distribuir, a gente distribui poder, quando não tem poder, a gente distribui esperança. E esse governo não está distribuindo com sinceridade, a

esperança de que todos nós brasileiros somos responsáveis pela transformação da sociedade e nossa colaboração é importante. Acho que os psicólogos, com esse tipo de iniciativa vão também, pois vão dizer “nós queremos ajudar a transformar a sociedade brasileira para que ela seja uma sociedade mais justa e mais igualitária favorável”, então mais um ponto favorável para o nosso Banco de Social de Serviços na Psicologia.